

Habitar no Jardim-Escola – analogias e afinidades entre a Casa Portuguesa e os Jardins-Escola João de Deus.

Sónia Rafaela Salgueiro

Palavras-chave: Jardins-Escola João de Deus, *Casa Portuguesa*, João de Deus Ramos, Raúl Lino.

Resumo

A questão da *Casa*, e particularmente da *Casa Portuguesa*, cedo se constituirá no pensamento de Lino como veículo básico a partir do qual os valores da sociedade poderiam ser gradualmente transformados. Ora o programa que em 1909 lhe é proposto por João de Deus Ramos, tendo em vista o primeiro Jardim-Escola João de Deus, apostava, precisamente, numa composição que deveria remeter para a ideia de uma *Casa Portuguesa*. Este artigo propõe-se averiguar a existência dessas afinidades e analogias.

1. Conceito ideológico

1.1 Enquadramento e modelos de referência

Em 1908, ao assumir a Direção da Associação de Escolas Móveis pelo Método João de Deus, fundada pelo seu pai em 1882, João de Deus Ramos (1878-1953) empreende de imediato uma viagem pela Europa, com o intuito de observar o funcionamento dos pioneiros jardins-de-infância e de travar contacto com os principais pedagogos da época. Recorde-se que os ideais pedagógicos que remetiam a educação para os primeiros anos da infância remontavam ao século XVIII, destacando-se a figura do pedagogo suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) como um dos pioneiros do movimento da reforma educacional. A revolução contida no seu método assentava na conceção da criança como indivíduo puro e apto a desenvolver todas as suas capacidades de acordo com a

educação que lhe fosse ministrada. A introdução do contexto sentimental na dimensão estritamente racionalista que então se fazia da educação surgia como fator determinante na promoção de um novo modelo de aprendizagem e, conseqüentemente, de um novo modelo de ambiente escolar. Pestalozzi entendia que o desenvolvimento das habilidades naturais e inatas das crianças deveria ser favorecido pela sua inserção num ambiente familiar, que lhes transmitisse a segurança necessária à promoção do seu sentido exploratório. O modelo escolar que defendia apontava para a criação de um espaço funcional e formalmente concebido segundo os princípios de uma casa e da sua proximidade com a natureza, tendo chegado a usar a sua própria habitação, em Neuhof, para aplicar, na prática, os conceitos que vinha desenvolvendo por escrito. No entanto, fosse por associar a atividade do ensino a uma extensão do espaço habitacional, fosse pelas dificuldades em angariar fundos que lhe permitissem transferir esse ideal pedagógico para um modelo construído de raiz, o facto é que o legado de Pestalozzi, fundamental no contexto da pedagogia intuitiva, não se traduziu num contributo de igual registo ao nível do espaço arquitetónico. A modelação do espaço escolar à imagem do espaço habitacional teria, porém, vários seguidores na Europa do século XIX. Em 1840, Friedrich Froebel (1782-1852), a quem é comumente atribuída a invenção de um espaço de aprendizagem pré-escolar, funda a *Universal German Kindergarten* como uma companhia de capital social sediada em Blankenburg, onde, a 28 de Junho desse ano, inauguraria o primeiro equipamento da rede, tendo em consideração as características de ocupação espacial sugeridas por Pestalozzi. Também na Itália, Maria Montessori (1870-1952), que se havia já destacado como a primeira mulher italiana a licenciar-se em Medicina, asseguraria a continuidade desta corrente de pensamento fundando, em Janeiro de 1907, a sua primeira *Casa dei Bambini* no contexto da habitação operária em Roma. Embora muito rudimentar, e desprovida de materiais e mobiliário adequados, o arranjo espacial dado à sala que lhe havia sido cedida prefigurava já o princípio básico de liberdade de movimentos, de expressão e de tempos de ensino que marcariam o Método Montessori. Contrariamente à organização hierarquizada em torno da figura do professor, a sala de trabalho desta *Casa dei Bambini* não possuía mobiliário fixo, nem lugares marcados para alunos e professor. O espaço entendia-se como característica fluida que permitia e incentivava a



1. Aspecto da área destinada às actividades exteriores contidas no Método Froebel, em Blankenburg.

aprendizagem da criança pelo seu sentido de exploração, ritmo e tempo próprios, facilitando o desenvolvimento da independência e da iniciativa pessoal, contrariamente ao que acontecia nas tradicionais salas de aula, que Montessori equiparava a uma coleção de borboletas, com cada criança assente num lugar fixo. De acordo com António Ponces de Carvalho¹, João de Deus Ramos “*admirava intensamente os educadores ligados à Escola Nova, sobretudo Adolphe Ferrière*”², cuja obra se destacou mais pela sua projeção teórica do que pela aplicação prática em escolas-modelo como as de Montessori ou do próprio Ramos. De facto, a carreira educativa de Ferrière (1879-1960) ver-se-ia abruptamente interrompida por uma deficiência auditiva que o deixaria completamente surdo aos 20 anos, reconduzindo-o para a escrita de numerosas publicações e ensaios referentes às tendências da *Escola Nova*. Mudar a sociedade através da escolarização do povo, aplicar as leis da psicologia à coeducação das crianças de ambos os sexos e nelas despertar “*todo um mundo de virtualidades ainda ocultas nas profundezas do seu organismo físico e psíquico, e que na altura própria surgirão à superfície*”³ constituíam valores para os quais facilmente encontramos um contraponto no Método João de Deus. Embora não se tenha traduzido arquitetonicamente em exemplos concretos, a pedagogia de Ferrière refere-se à *Escola Activa* como uma *pequenina república*⁴, onde as crianças assumem completa responsabilidade pelas suas tarefas e onde as mais velhas se encarregam de orientar e auxiliar as mais novas, em perfeita harmonia. Esta harmonia baseava-se na estruturação do quotidiano em torno de atividades próprias do dia-a-dia dos adultos e de relacionamento com a natureza. Logo, é fácil extrapolar a ideia de um espaço amplo, flexível e adaptável como o mais indicado para acomodar tais princípios educativos.

De um modo geral, estes princípios de desenvolvimento da liberdade humana e da democracia através do incentivo à atividade espontânea da criança, à sua

¹ António de Deus Ramos Ponces de Carvalho, neto de João de Deus Ramos, assume atualmente a Direcção da Associação de Jardins-Escola João de Deus.

² Ver a este propósito o capítulo intitulado “João de Deus Ramos e a sua época” incluído no *Regulamento Interno para as Valências de Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico*, publicado e aprovado pela Direcção da Associação de Jardins-Escola João de Deus, p.8.

³ FERRIÈRE, Adolphe, “*A Escola Activa*”, Ed. Aster, 1965, p.24.

⁴ *Ibidem*.

autonomia e ao respeito pela natureza com vista à supremacia da justiça social e da paz mundial, constituíam, de resto, denominadores comuns ao pensamento de todos os pedagogos filiados na corrente da *Escola Nova*. Tomando ao sentido epistemológico expresso por Maria Filomena Molder em “*Símbolo, Analogia e Afinidade*”⁵ constatamos, porém, que a esta *afinidade* de pensamento não corresponderá, todavia, uma *analogia* da gramática formal na sua expressão arquitectónica. Se atentarmos na matriz habitacional que servia de referência aos ditos espaços escolares, estas diferenças eram, aliás, tanto mais expectáveis quanto diferentes eram os modelos regionais e nacionais das habitações que os inspiravam.

1.2 Adaptação à realidade portuguesa

Perante esta diversidade de exemplos e perspectivas, ao regressar a Portugal, João de Deus Ramos procurou adaptar à nossa realidade os métodos pedagógicos e os modelos escolares que havia presenciado, compilando o que considerava melhor em cada um deles e estabelecendo a ponte para com o Método João de Deus, criado pelo seu pai e publicado desde 1877. Para dissipar quaisquer dúvidas relativamente a esta atitude, António Ponces de Carvalho confirma que era frequente ouvi-lo afirmar: “*Rejeito toda a cópia servil do que se faz no estrangeiro, à excepção, contudo, daquilo que é universalmente adoptável ou adaptável.*”⁶.

Quando, em 1909, Ramos encomenda a Raul Lino (1879-1974) o projeto para o primeiro Jardim-Escola em Coimbra, há dois fatores a ter em conta. A conceção que o primeiro tinha da Pedagogia, em geral, e do Método João de Deus, em particular, e a conceção que o segundo tinha da Arquitetura, em geral, e do ato de projetar em particular. Em João de Deus estavam perfeitamente definidos os princípios que deveriam informar a obra dos Jardins-Escola, bem como definida estava a ideia de que “*a escola, tal como for e como estiver, pode tornar-se um*

⁵ MOLDER, Maria Filomena, “*Símbolo, Analogia e Afinidade*”, Edições Vendaval, Lisboa, 2009.

⁶ Ver a este propósito o capítulo intitulado “João de Deus Ramos e a sua época” incluído no *Regulamento Interno para as Valências de Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico* da Associação de Jardins-Escola João de Deus, op. cit.

*ambiente favorável ou desfavorável ao desenvolvimento regular e simultâneo – físico, moral, espiritual e estético – da criança, isto é, pode ser ou não ser um ambiente educativo”.*⁷

Filiado numa corrente do pensamento que aborda a educação pela via do método pedagógico participativo, ou seja, que toma à criança como ser individual e autónomo a quem deve ser inculcado o gosto pela descoberta e pela sociabilização, Ramos estrutura as suas necessidades espaciais em torno de uma ideia inclusiva e de liberdade. Assim, prefigura a necessidade de um espaço que transmita segurança e em que a criança se sinta confortável para explorar o mundo que lhe é apresentado com base no respeito pela sua identidade, mas também no respeito pela identidade nacional e histórica da sociedade em que se insere⁸. Considerando, tal como os seus contemporâneos, que, na perspetiva da criança, à noção de segurança e conforto está intimamente associada a ideia da casa em que vive, Ramos propõe-se estruturar o modelo dos Jardins-Escola a partir de um modelo residencial. A escola deveria ser entendida pela criança como uma segunda casa, para que a transição entre o seu universo materno e o espaço de aprendizagem fosse o mais suave possível. A semelhança alcançada em linguagem e em escala deveria ser reforçada pelo uso de cores suaves, janelas generosas e uma decoração alegre, mas discreta, sendo de evitar todo o elemento de distúrbio desta unidade, como, por exemplo diferenças de nível nos pavimentos, escadas ou corredores longos e estreitos. Este paralelismo Casa/Escola remete-nos para as ideias de Pestalozzi e de Froebel, pelo que aqui podemos encontrar uma *afinidade* pedagógica, muito embora ela não se concretize numa direta *analogia* ao nível da formalização arquitetónica. Ao utilizarmos estes termos estamos a considerá-los com base na interpretação que deles faz Filomena Molder, e que nos permite identificar uma *analogia* do Jardim-Escola, idealizado por Ramos, não para com o homólogo espaço concebido por Froebel, mas sim para com o modelo contemporâneo de uma *casa portuguesa*, no sentido em que “a analogia é provavelmente uma

⁷ RAMOS, João de Deus, “Influências das agitações políticas na evolução do ensino popular”, *Atlântida*, n.º 27, 1917, p.412-416.

⁸ Ver a este propósito CARVALHO, António de Deus Ramos Ponces de, *La Pédagogie de João de Deus Ramos (1878/1953)*, ESE João de Deus, Lisboa, 1990.

*semelhança metafórica, quer dizer, uma semelhança de relações, enquanto que no seu sentido (não metafórico) só as substâncias podem ser semelhantes”.*⁹

2. Conceito tipológico

2.1 Enquadramento e modelos de referência

A procura de um modelo-tipo que identificasse de imediato o edifício para com a função que continha era uma ideia de há muito enraizada na história da arquitetura e particularmente atual no panorama da arquitetura escolar de então. Já no século XVIII Jacques-François Blondel (1705-1774) apelara ao sentido de “*expressão formal apropriada*”, apontando para uma definição de *tipos* de edifícios, tendente a caracterizar uma primeira relação diferenciada da resposta arquitetónica para com o programa¹⁰. Temática que também viria a ser alvo do sentido normativo e económico que Jean-Nicolas-Louis Durand (1760-1834) pretendia instaurar com vista à criação de uma tipologia de edificação. O objetivo era promover uma resposta rápida e económica a uma série de programas de construção, cujas estruturas poderiam resultar da combinação modular de tipos de plantas e de alçados previamente definidos. O legado de Durand assenta exatamente na definição da *ideia de programa*, pondo em evidência a fidelidade àquele princípio de utilidade que deveria presidir a qualquer construção¹¹. Posteriormente, também Viollet-le-Duc (1814-1879) reforçaria esta tendência tipificadora alertando para a importância de se fazer eco da expressividade dos materiais, pois “*em arquitectura há dois modos necessários de ser autêntico ou verdadeiro. (...) Ser autêntico segundo o programa é cumprir exacta e escrupulosamente as condições impostas por uma*

⁹ Passagem de um texto de Walter Benjamin citada por Maria Filomena Molder na obra intitulada “*Símbolo, Analogia e Afinidade*”, op. cit., p.31.

¹⁰ Ver a este propósito FRAMPTON, Kenneth, “*História crítica da arquitectura moderna / Kenneth Frampton*”, São Paulo, Martins Fontes, 1997, p.5-6.

¹¹ Idem, p.6 e p.26.

*necessidade. Ser autêntico segundo os procedimentos construtivos é empregar os materiais segundo as suas qualidades e propriedades”.*¹²

No entanto, no início do século XX esta problemática não encontrava grande eco no universo dos escassos jardins-de-infância que em Portugal vinham sendo implementados por iniciativa de alguns intelectuais, que mantinham contacto com as classes progressistas europeias. Embora estes equipamentos surgissem como um importante passo evolutivo relativamente aos primeiros estabelecimentos de acolhimento infantil de perfil assistencialista, associados a complexos industriais ou a instituições de solidariedade social, o facto é que não dispunham de um fio condutor em termos educativos, nem tão pouco de um modelo espacial digno desse nome. Exceção feita ao primeiro Jardim-de-Infância Froebel que em 1882 fora inaugurado no Jardim da Estrela, por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, e cuja construção assenta num programa-tipo baseado numa série de condicionantes pedagógicas, funcionais, formais e higienistas. Pese embora a *Froebel: Revista de Instrução Primária*, fundada no mesmo ano, continuasse a ser publicada regularmente por mais dois anos, com referências explícitas ao Método Froebel, aquele Jardim-de Infância não daria, no entanto, origem a quaisquer outras iniciativas do género.

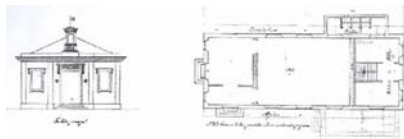


2. Aspecto do Jardim-de-Infância Froebel, projetado por José Luís Monteiro para o Jardim da Estrela, em Lisboa.

Já ao nível do ensino primário, os modelos-tipo das Escolas Conde de Ferreira e das Escolas Adães Bermudes constituíam-se como exemplos muito claros daquela preocupação tipificadora enunciada desde o século XVIII. Motivada por questões de simbolismo iconográfico, esta sistematização tinha também na sua origem questões económicas e impostas pela ausência de uma mão-de-obra tecnicamente especializada, especialmente em zonas rurais mais remotas¹³. No entanto, em nenhum dos casos se promove a estreita união entre os princípios pedagógicos e funcionais e os princípios arquitetónicos de natureza mais formal, como a que irá distinguir a obra dos Jardins-Escola João de Deus, cingindo-se cada um dos seus modelos-tipo à satisfação das necessidades

¹² VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel, “*Entretiens sur l’Architecture*”, Paris, 1863, “Décimo colóquio”, conforme FRAMPTON, Keneth op. cit. p.69.

¹³ Ver a este propósito o ensaio de António Simões Rodrigues intitulado “Para outras leituras da história da educação. O papel da arquitetura escolar”, inserido na obra coordenada por Maria Manuela Tavares Ribeiro sob o título “*Outros Combates pela História*”, editada pela Imprensa da Universidade de Coimbra em Julho de 2010, p.381-388.



3. Modelo-tipo das Escolas Conde Ferreira de uma só sala.

relativas ao número de alunos, à sua divisão por géneros e ao alojamento dos professores. Seria, portanto, no contexto da urgência vivida em Portugal em termos de estabelecimentos de ensino infantil e primário verdadeiramente adaptados às atividades pedagógicas modernas, que Ramos daria início à versão construída da sua Associação. Pois como ele próprio dizia, o modelo espacial que então servia à escola popular não possuía “nenhuma característica arquitectónica nem higiénica, nem mesmo pedagógica, tratando-se em geral, de uma casa de aluguer, excepção feita, quasi exclusivamente, às escolas dos modelos “Conde Ferreira” e “Bermudes”, que não satisfaziam também”.¹⁴

2.2 Adaptação à realidade pedagógica do Método João de Deus

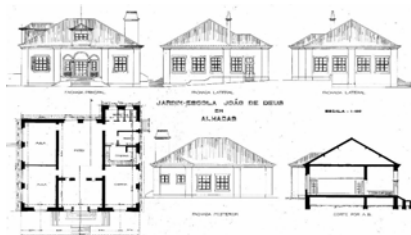


4. Projecto do primeiro Jardim-Escola João de Deus, em Coimbra. Inaugurado em 1911.

A solução tipológica resultante dos princípios ideológicos avançados por Ramos apontava para a configuração de um volume maioritariamente retangular, dominado pela presença de um amplo espaço central, ou, pelo menos, essa foi a interpretação que Raul Lino viria a fazer do programa que lhe havia sido dado. No âmbito da semelhança de relações que se pretendia estabelecer para com os espaços habitacionais, aquele espaço nuclear surge para o Jardim-Escola como a sala para uma casa e é à sua volta que se desenvolvem os restantes espaços acessórios e de individualidade. Pode dizer-se que a característica que unifica todos os Jardins-Escola é a presença daquele espaço de reunião, ao qual deveria ser possível aceder a partir de todas as salas de aula. Em sintonia com a terminologia de *Jardim-Escola*, que recorda que *o jardim que cerca o edifício é escola*, pois também *nelle se aprende, porque nelle se passa uma grande parte da vida do educando*¹⁵, este salão viria a ser designado de *viveiro*. Tal como a terra fornece o alimento para que as plantas cresçam viçosas e em graça, também o terreno fértil de ensinamentos que é o Método João de Deus haveria de fortalecer os espíritos das crianças e alimentar o seu desenvolvimento físico, intelectual e moral. Em torno do *viveiro* desenvolveram-se as restantes

¹⁴ RAMOS, João de Deus, “Influências das agitações políticas na evolução do ensino popular” op. cit., p.415.

¹⁵ BARROS, João de, *Boletim de Propaganda*, Abril/Maio/Junho, 1911 editado pela Associação de Escolas Móveis pelo Método João de Deus.



5. Projecto do Jardim-Escola João de Deus de Alhadad. Inaugurado em 1927.

dependências funcionais do edifício como sejam, as salas de trabalho, os espaços administrativos, a cozinha e seus anexos e as instalações sanitárias e vestiários. Assim, o salão polivalente está para o Jardim-Escola como a sala-de-estar para uma habitação, do mesmo modo que as salas de aula estão para os quartos e o refeitório para a sala de refeições. Por sua vez, o hall de entrada, a cozinha e as instalações sanitárias surgem como espaços acessórios organizados gravitacionalmente em torno da *alma da casa*.

O sentido de *Liberdade* que Ramos queria incutir na atmosfera física e humana dos Jardins-Escola era reforçado pelo *viveiro*, visto que permitia o desenvolvimento de atividades que promoviam a liberdade de movimentos das crianças e a exploração da sua criatividade e expressividade artística. A ligação direta desta área com o espaço exterior pressupõe um sentido de continuidade entre as atividades promovidas no interior e no exterior, como um todo pedagógico em que não existe distinção entre espaço de aprendizagem e espaço de brincadeira, mas sim um espaço generalizado do que poderíamos chamar de *aprendizagem recreativa*. Por outro lado, a equivalência no acesso ao *viveiro* a partir das restantes salas promovia o sentimento de *Igualdade* entre todas as faixas etárias. A tradução espacial deste princípio ideológico era tanto mais inovadora quanto promovia a coeducação de ambos os sexos numa época em que até os recreios eram separados. O desejo de *Igualdade* entre todos os alunos, independentemente de credos, raças e estatutos sociais, esteve, aliás, na base da criação do *bibe* que todas as crianças ainda usam para se sentirem parte da comunidade. Em termos espaciais este sentido de *Igualdade* encontrava também expressão na abolição do estrado em que tradicionalmente se colocava a secretária do professor no contexto da sala de aula, pressupondo uma sobre-elevação do seu estatuto sobre o dos alunos. No espaço João de Deus educadores e alunos partilham um só nível, o que faz lembrar as salas das *Casas dei Bambini* de Maria Montessori, muito embora a inexistência de carteiras organizadas esteja, no presente caso, limitada ao espaço do *viveiro*, destinado a acolher a faixa etária dos mais pequenos (3/4 anos).



6. Aspecto original do *viveiro* do primeiro Jardim-Escola João de Deus de Coimbra.

A comunhão de experiências tidas neste espaço deveria fomentar também a *Fraternidade* entre todos os alunos e educadoras. Este princípio de sociabilização estava, de resto, associado à vontade de dotar os Jardins-Escola



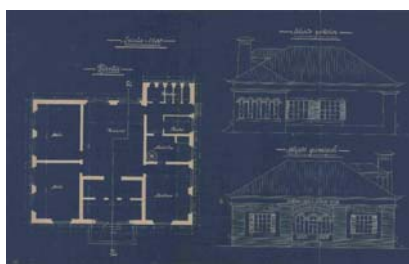
7. Aspecto original do refeitório do Jardim-Escola João de Deus da Estrela, em Lisboa. Inaugurado em 1915.

de cozinha e refeitório, pois o momento das refeições constituía-se como um momento de partilha e de *Fraternidade* por excelência. Para além disso, no início do século XX muitas crianças permaneciam abandonadas até ao final do dia de trabalho dos pais, o que se traduzia numa rotina de má alimentação que assim se podia contrariar. Desta leitura antropológica do espaço resulta evidente a tradução arquitectónica dos princípios ideológicos que orientavam a postura republicana e maçónica de Ramos. De facto, na sua obra era possível ler a trilogia *Liberdade, Igualdade e Fraternidade* que constituía a base do pensamento liberalista da época.



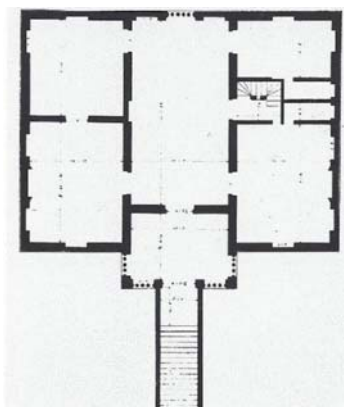
8. Vista do Jardim-Escola João de Deus de Alcobaça I. Inaugurado em 1914.

Se inicialmente a simetria da fachada não traduzia a organização espacial interna devido à posição lateral do *viveiro*, como acontece no caso de Coimbra (1911), nos casos seguintes, projetados para a Figueira da Foz (1914) e para Alcobaça (1914), este salão toma uma posição central que se irá manter em quase todos os Jardins-Escola de Lino e que lhe permitirá trabalhar segundo um eixo de simetria, cuja presença era sentida desde o alçado principal até ao espaço interior. De resto, esta solução retomava o conceito muito mais clássico de uma primeira versão que ensaiara para Coimbra, onde o *viveiro* assumia uma posição central, embora possuísse uma dimensão consideravelmente inferior à da versão que viria a ser construída. A constante aposta de Lino num vincado eixo de simetria recorda-nos que o tema da axialidade, que remonta à era clássica, surge na história da arquitetura como presença recorrente, alternando períodos de maior expressão com períodos em que se afirma apenas pela negativa. A redescoberta da Antiguidade Clássica que marcou a segunda metade do século XVIII relançou este ideal compositivo e até Le Corbusier em “*Vers une Architecture*” propõe a utilização dos eixos, da linha e dos ângulos retos, a par da importância da medida tomada com base no corpo humano, como princípios de conceção supostamente derivados dos templos primitivos.



9. Primeira versão, não construída, do primeiro Jardim-Escola João de Deus de Coimbra.

No panorama neoclássico torna-se incontornável a referência às *villas* de Palladio (1508-1580), nas quais podemos encontrar muitas analogias tipológicas para com o modelo de organização espacial do Jardim-Escola idealizado por Lino e que tanto difere da organicidade que aplicou a obras tão emblemáticas como a da Casa do Cipreste. Verifica-se, porém, que este classicismo não é tão notório no tratamento das fachadas onde, no primeiro ensaio para o Jardim-



10. Planta da Villa Forni Cerato, em Montecchio Precalcino, projetada por Andrea Palladio (1565?).



11. Villa Saraceno, em Agugliaro, projetada por Andrea Palladio em 1550.

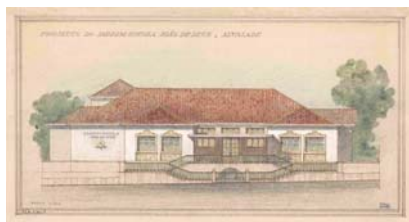


12. Segundo Jardim-Escola João de Deus de Alcobaça. Inaugurado em 1960.

Escola de Coimbra podemos até encontrar referências ao formalismo românico nos arcos de volta inteira que emolduram uma série de janelas alongadas e nos próprios vãos da entrada principal, envoltos, por sua vez, num arco abatido, reforçado pelo seu tratamento em tijolo de burro. Embora perca a sua intensidade logo na proposta que viria a ser construída, esta é uma influência que irá marcar o tratamento formal dos primeiros edifícios e que se irá diluindo no tempo com a introdução de elementos de natureza mais clássica, miscigenados com uma gramática vernacular e regionalista, tão característica das obras de Lino. A mais clássica utilização de frontões na marcação das entradas principais alternará, portanto, com a presença dos tradicionais beirados portugueses ou dos painéis de azulejo, da autoria de Leal da Câmara, com uma naturalidade que só é perceptível no contexto da articulação entre tradição, modernidade, história e natureza que pontuava o seu posicionamento teórico face à disciplina arquitetónica. A necessidade de reencontrar o *carácter* da arquitetura nas tradições locais e regionais, que remetia para o nacionalismo estético que florescia na Europa onde tinha estudado, levou-o também a promover uma distinção entre a imagem mais erudita dos Jardins-Escola inseridos em meio urbano e a imagem mais vernacular e *simples* dos Jardins-Escola de província. Em ambos os casos, a relação do edifício com o exterior reflete, todavia, a preocupação pedagógica de fomentar o respeito das crianças pelo meio ambiente em que se inseriam, sublinhando a sua integração num ecossistema de relações muito mais vasto. À semelhança de um modelo ideal de *moradia*, a ocupação do lote era feita de modo a assegurar um jardim tão grande quanto possível¹⁶, verificando-se que, nalguns casos, esse espaço via-se acrescido de anexos de apoio ao cultivo de pequenas hortas. Onde tal não fosse possível, deveria ser salvaguardada a presença de zonas de sol e zonas de sombra, de preferência pelo recurso à plantação de árvores.

Tendo este conjunto de pressupostos claramente definidos, Lino organizou um modelo espacial que, de 1909 a 1965, sofreria mais ajustes de natureza

¹⁶ Segundo o *Regulamento Interno para as valências de Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico* da Associação de Jardins-Escola João de Deus op. cit., p.9, para João de Deus Ramos, o jardim deveria “*ser seis vezes maior que o edifício, para permitir a realização de actividades em pleno ar livre e mesmo, por vezes, o cultivo de legumes e flores. “Que alegria no dia em que se comem as maçãs que vimos crescer! E que lição bem aprendida!”*”



13. Projeto do Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, em Lisboa. Inaugurado em 1965.



14. Projecto do Jardim-Escola João de Deus para Faro. Versão não construída.

funcional do que alterações conceptuais da forma propriamente dita. Ao que tudo indica esta prevalência do modelo arquitetónico apontado no Jardim-Escola de Coimbra durante tão longo período de tempo, e durante tantas realizações arquitetónicas (treze Jardins-Escola), parecem indicar a sintonia alcançada entre os ideais pedagógicos e funcionais de João de Deus Ramos e a tradução formal que lhes deu Raul Lino. Note-se que durante este intervalo de tempo, que poderemos considerar como uma primeira fase de edificação dos Jardins-Escola, apenas dois deles não foram da sua responsabilidade. O primeiro corresponde ao Jardim-Escola de Leiria, projetado por Ernesto Camilo Korrodi e inaugurado em 1936, e o segundo corresponde ao Jardim-Escola do Porto, da autoria de Rogério de Azevedo, inaugurado em 1951. Embora portadores de algumas variantes formais, na realidade não seria difícil acreditar que também eles tinham sido obra de Lino, de tal modo a sua tipologia faz eco do modelo por si estabelecido.

3. Considerações finais

A questão da *Casa Portuguesa*, enunciada por Raul Lino com propósitos muito diferentes da polémica condição prescritiva a que foi posteriormente reduzida pelo oportunismo fascista, enquadrava-se naturalmente nos movimentos nacionalistas que apelavam à necessidade da arquitetura reencontrar o seu *carácter* nas tradições locais e regionais. De facto, na sua génese o que lhe importava era articular a funcionalidade prática e programática do espaço com a continuidade vernacular e simbólica da nossa arte de construir, de modo a alcançar uma espécie de ética do habitar¹⁷. Esta vontade de promover a reforma da sociedade através do projeto do ambiente construído pressupunha uma fé sensacionalista na primazia da forma física sobre o conteúdo programático¹⁸, da qual compartilhavam também Henry Van de Velde (1863-1957) e todo o conjunto da tradição *Arts and Crafts*. Tal como para o arquiteto português, também este movimento entendia a casa unifamiliar como o veículo social

¹⁷ Ver RIBEIRO, Irene, *Raul Lino revisitado: memórias de uma Arquitectura “Arte Nova” Portuguesa* in www.apha.pt

¹⁸ FRAMPTON, Kenneth, op. cit., p.112.

básico a partir do qual os valores da sociedade poderiam ser gradualmente transformados.¹⁹ Note-se que este nacionalismo estético era uma herança proveniente das posições estruturalistas e culturalmente imbuídas de Viollet-le-Duc, que influenciaram toda uma geração de arquitetos na viragem do século XIX para o século XX. E note-se também que era uma *Casa* que, em sentido figurado, se pedira a Lino para concretizar para esta *Escola Maternal*, termo sintomático que, no contexto filosófico de Filomena Molder, nos coloca uma vez mais perante uma *semelhança analógica*, se para tal considerarmos que “*a semelhança está numa figura relacional que se liga a uma outra (exactamente no sentido do símbolo kantiano)*”.²⁰

De facto, é possível encontrar nos Jardins-Escola por si projetados muita da gramática formal que irá ser estereotipada no movimento acrítico da *Casa Portuguesa*. Porém, se atentarmos na forma como eles se incorporam quer no espírito dos ideais nacionalistas de Ramos, quer no seu próprio entendimento da arquitetura, enquanto arte propícia à transversalidade de saberes e valores, poderemos entender a utilização daquela gramática como expressão do respeito e da valorização da cultura portuguesa que a ambos unia. E aqui sim, poderemos falar de uma *afinidade*, entendida também no universo filosófico, como “*uma relação imediata entre dois seres sustentada pelo sentimento*”²¹, que se expressa, neste caso, pelo amor que ambos pareciam nutrir pela cultura portuguesa. O desejo de restabelecer uma ligação arquitetónica com o passado sob a forma do presente e a perspetiva do futuro parece ter sido, portanto, a pedra-de-toque que explica a prevalência do modelo de Jardim-Escola de Raul Lino como imagem de marca desta rede de jardins infantis.

É com base neste sentimento de respeito pela memória construída que os Jardins-Escola se integram na produção arquitetónica e teórica que desenvolveu intensamente. De facto, os elementos formais e construtivos que encontramos nestes Jardins-Escola e em toda a sua obra estão longe de terem sido utilizados como meros símbolos de uma arquitetura nacionalista, tal como viria a ser feito

¹⁹ Ibidem.

²⁰ MOLDER, Maria Filomena, op. cit. p.31.

²¹ Idem, p.36.

por muitos outros desprovidos do seu sentido crítico. Veja-se, por exemplo, como sem ser possível estabelecer uma *analogia* espacial ou formal entre o Jardim-Escola de Coimbra (1911) e a Casa do Cipreste (1913) podemos reconhecer uma *afinidade* no modo como se filiam numa mesma cultura construtiva, a qual se sujeitava a critérios de ordem programática e de inserção paisagística para estabelecer as melhores opções. A questão dos telhados, das arcadas ou da decoração interior fazem parte de um todo coerente e radicam no pressuposto de que um edifício é tanto mais autêntico quanto se encontrar adaptado à natureza onde se insere e às gentes que o habitam. Quando comparada com o teor erudito de outras obras de Raul Lino, a simplicidade formal de alguns dos Jardins-Escola que projetou lembra-nos que eles se destinavam a servir as classes mais desfavorecidas da população, para as quais não existiam então alternativas pré-escolares no ensino oficial. Questão que João de Barros sublinha ao relatar o acolhimento entusiasmado que a inauguração do primeiro Jardim-Escola suscitou por parte do povo de Coimbra, “do povo para quem elle se construiu, do povo que sabe, ou sente, que a ideia fundamental que presidira à fundação d’aquella casa fora simplesmente esta: - dar às classes populares, as únicas ainda sadías e fortes no paíz, educando-lhes os filhos, mais uma possibilidade de ressurgimento e de progresso”.²² Tendo em consideração a necessidade de adequação dos Jardins-Escola à natureza e ao estrato social da população que deveriam abrigar, a aplicação de uma linguagem formal consistente com os valores mais vernaculares da nossa arte de construir tornava-se quase compulsiva. Especialmente se compreendida no contexto da preocupação pedagógica e moralizadora que sempre presidiu ao percurso teórico e prático de Lino, para quem um *estilo*, tal como as boas-maneiras, “*não se cria de um dia para o outro; não vai com receitas ou prescrições, tem de ser sazonado por uma disciplina, por um sentimento de decoro que se insinua na gente pela educação que recebe*”.²³



15. Cerimónia de inauguração do primeiro Jardim-Escola João de Deus de Coimbra, a 2 de Abril de 1911.

Assim, podemos dizer que no modelo criado por Raul Lino para os primeiros Jardins-Escola João de Deus a arquitetura foi usada como um dispositivo

²² BARROS, João de, *Boletim de Propaganda*, op. cit.

²³ LINO, Raul, “*O Romantismo e a Casa Portuguesa*”, Ed. Centro de Estudos do Grémio Literário, Lisboa, 1974.

político para modelar uma nova sociedade a partir de dois pontos de vista. O espaço, trabalhado para fomentar os conceitos ideológicos e pedagógicos de Ramos e do seu posicionamento republicano e liberal, faz-nos pensar no Jardim-Escola João de Deus como *uma pequenina república*, numa clara *afinidade* para com os ideais de Ferrière, de cuja metáfora nos apropriámos. Por outro lado, o arranjo compositivo desse mesmo espaço e a carga simbólica que caracterizava a sua materialização estética e volumétrica denotam uma clara *afinidade* ideológica e uma indiscutível *analogia* formal para com os valores arquitetónicos que sustentavam a teoria desenvolvida por Lino em torno da *Casa Portuguesa*.

Com o decorrer dos anos aquela linguagem arquitetónica perdeu a frescura e o carácter inovador que apresentava no início do século, cristalizou, perdendo, portanto, a contextualização social e estética responsável pelo êxito que havia alcançado. No entanto, os Jardins-Escola João de Deus concebidos por Raul Lino traduzem, claramente, o posicionamento teórico de um arquiteto para quem “*construir é educar*”.²⁴

Origem das imagens:

1. Froebel Archive for Childhood Studies pertencente à Universidade de Roehampton. <http://studentzone.roehampton.ac.uk> [2011]
2. *Froebel_Revista de Instrução Primária*, n.º 1, 1ª Série, 1º Ano, 21 de Abril de 1882, p.5. <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt> [2011]
3. BEJA, Maria Filomena e outros, “*Muitos Anos de Escolas, Volume I, Edifícios para o Ensino Infantil e Primário até 1941*”, Ministério da Educação – Direcção-Geral de Administração Escolar, Lisboa, 1990, p.55.
4. e 5. Espólio Raúl Lino pertencente à Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. <http://www.bibartepac.gulbenkian.pt> [2011]

²⁴ LINO, Raul, “*Casas Portuguesas – Alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples*”, Ed. Valentim de Carvalho, Lisboa, 1933, p.64.

6. e 7. Espólio Mário Novais pertencente à Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. <http://www.biblartepac.gulbenkian.pt> [2011]
8. Espólio do Estúdio de Fotografia Jorge Vasco, em Alcobaça.
9. Espólio Raúl Lino pertencente à Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. <http://www.biblartepac.gulbenkian.pt> [2011]
10. e 11. BELTRAMINI, Guido e PADOAN, Antonio, “*Andrea PALLADIO – l’oeuvre architecturale*”, Flammarion, Paris, 2001 (édition française), p.183 e p.130, respetivamente.
12. a 14. Espólio Raúl Lino pertencente à Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. <http://www.biblartepac.gulbenkian.pt> [2011]
15. Espólio da Associação dos Jardins-Escola João de Deus. <http://www.joaodeus.com> [2011]

A referência bibliográfica para este artigo:

- AZEVEDO, Manuela de, “*João de Deus Ramos: Vida e Obra*”, Associação de Jardins-Escolas João de Deus; Notícias, Lisboa, 1997.
- BARNARD, Henry e PESTALOZZI, Johan Heinrich, “*Pestalozzi and Pestalozzianism: life, educational principles, and methods of John Henry Pestalozzi*”, F. C. Brownell, 1959.
- BEJA, Maria Filomena e outros, “*Muitos Anos de Escolas, Volume I, Edifícios para o Ensino Infantil e Primário até 1941*”, Ministério da Educação – Direcção-Geral de Administração Escolar, Lisboa, 1990.
- CARVALHO, António de Deus Ramos Ponces de, “*Éléments pour l’histoire d’une école de formation des instituteurs de maternelle*”, Escola Superior de educação João de deus, Lisboa, 1991.
- CARVALHO, António de Deus Ramos Ponces de, “*La Pédagogie de João de Deus Ramos (1878/1953)*”, ESE João de Deus, Lisboa, 1990.
- FERRIÈRE, Adolphe, “*A Escola Activa*”, Ed. Aster, 1965.
- FRAMPTON, Kenneth, “*História crítica da arquitectura moderna / Kenneth Frampton*”, São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- FROEBEL, Friedrich, “*Autobiography of Friedrich Froebel*”, The Echo Library, 2007.
- KRAMER, Rita, FREUD, Anna (pref.), “*Maria Montessori: a biography*”, USA, Da Capo Press, 1988.
- KRUSI, Hermann, “*Pestalozzi: his life, work, and influence*”, Applewood Books, 2010.
- LINO, Raul, “*Casas Portuguesas. Alguns apontamentos sobre a arquitectura das casas simples*”, Ed. Valentim de Carvalho, Lisboa, 1933.

RESDOMUS

plataforma editorial de cruzamento e de divulgação de cultura arquitectónica

LINO, Raul, “*O Romantismo e a Casa Portuguesa*”, Ed. Centro de Estudos do Grémio Literário, Lisboa, 1974.

MEYER, Adolphe Erich, “*Modern European Educators and their work*”, Ayer Publishing, 1934.

MOLDER, Maria Filomena, “*Símbolo, Analogia e Afinidade*”, Edições Vendaval, Lisboa, 2009.

RAMOS, João de Deus, “*Influências das agitações políticas na evolução do ensino popular*”, Atlântida, n.º 27, 1917, p.412-416.

RIBEIRO, Irene, “*Raul Lino, Pensador nacionalista da Arquitectura*”, FAUP Publicações, 1994.

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares, “*Outros Combates pela História*”, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

Notas:

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito da disciplina de Projecto de Tese integrada no Programa de Doutoramento em Arquitectura da Faculdade de Arquitectura do Porto, durante o ano lectivo de 2010/2011.